

# Lusíada



Repositório das Universidades Lusíada

**Universidades Lusíada**

Silva, Carlos Manuel Lampreia da, 1964-  
Mendes, Pedro Alexandre Aguiar, 1966-

## **Um mapa operativo de novas perspectivas sobre antigas questões : a casa enquanto abrigo**

<http://hdl.handle.net/11067/6896>

<https://doi.org/10.34628/crd7-zn50>

### **Metadados**

**Data de Publicação**

2023

**Tipo**

bookPart

Esta página foi gerada automaticamente em 2024-08-28T07:46:21Z com  
informação proveniente do Repositório

# UM MAPA OPERATIVO DE NOVAS PERSPECTIVAS SOBRE ANTIGAS QUESTÕES. A CASA ENQUANTO ABRIGO

**Carlos Lampreia**

CITAD – FAA-UL

DOI: <https://doi.org/10.34628/crd7-zn50>

**Pedro Mendes**

DINÂMICA/CET – ISCTE-IUL

**Resumo:** O grande tema desta investigação são as questões imutáveis em arquitectura. As permanências e constantes ao longo dos diferentes períodos da produção arquitectónica são o objecto de estudo. O tema abordado refere-se aos valores essenciais da arquitectura, mais concretamente ao caso da habitação. Coloca-se a possibilidade da interpretação arquitectónica dos atributos essenciais dos modelos, produzirem sínteses na reinvenção de novas perspectivas ao longo do tempo.

Apesar das mudanças contextuais e culturais poderem diferenciar distintas construções, a prática arquitectónica pode ser descrita como pertença a uma determinada raiz cultural e contextual, ao invés de fornecer uma resposta directa e padronizada aos procedimentos. Portanto, a prática da arquitectura abrange uma síntese de uma ampla gama de elementos que são interpretados a partir de diferentes perspectivas ao longo da história. A prática molda respostas específicas transformando e adaptando lugares, espaços, técnicas e materiais a diferentes contextos.

Pretende-se explorar a resposta à necessidade básica de abrigo. Apesar destas terem sido moldadas ao longo do tempo com novas formas e tipos de organização; desde a ancestral ao redor do fogo, até às tipologias contemporâneas, podem-se identificar um determinado número de constantes.

O trabalho tem como foco o desenvolvimento dos tipos arquitectónicos. Analisando os temas e casos abordados, a perspectiva estabelece uma conexão implícita entre teoria e prática arquitectónica. A apreciação e avaliação dos casos será realizada assumindo que o pensar e fazer estabelecem uma relação dialéctica. Esta investigação tenta revelar as relações dentro do núcleo profundo do objecto arquitectónico.

A selecção dos casos de estudo está distribuída em dois grupos. O primeiro diz respeito a construções antigas. São estudados casos do inquérito à arquitectura tradicional portuguesa. O segundo grupo aborda o habitar a partir do contexto português contemporâneo. O século 20 é o período histórico escolhido.

Uma vez identificado o tipo, é possível clarificar os elementos arquitectónicos imutáveis e estabelecer o vínculo com novas perspectivas sobre velhas questões. No entanto, considerando que a constituição de um objecto arquitectónico faz parte de um processo não linear, os

limites de cada caso serão determinados pela especificidade do contexto e da forma.

Este processo permitirá melhor entender a evolução de tipologias, também se esperando um contributo para o alargamento do leque de possibilidades ao nível da prática auto-reflexiva.

**Abstract:** The major theme of the investigation enquires about the immutable elements of architecture. Permanences and constants throughout different periods of architecture production is subject of study. The theme addressed in this paper refers to the essential values in architecture. More specifically the paper analyses the case of housing. The investigation inquires the possibility of architectonic interpretation of essential attributes of design becoming a subject of synthesis and creation of new visions over the times.

Despite all the contextual and cultural changes, which may differentiate distinct buildings, the architectural practice can be described as lying at the cultural and contextual root, rather than providing a direct response to procedures and standards. The overall practice of architecture embraces a synthesis of a wide range of elements interpreted in different perspectives throughout history. The practice shapes specific responses transforming and adapting places, spaces, techniques and materials to different contexts.

We intend to explore the responses to the basic need of shelter. From the ancestral organization around the fire site, to contemporary typologies, a certain number of constants can be identified. The responses to basic needs of protection have been shaped over time with new forms and types of organization.

The paper development will focus on the development of final proposals of architectural designs. Analyzing the themes approached, the perspective establishes a connection between the implicit theory and architectonic practice. The appraisal of proposals will be assessed, assuming that thinking and doing establish a dialectical relation. This investigation points to reveal the relation within the inner core of the architectural design.

The housing selection of study cases is organized in two groups. The first one is involved with ancient buildings. Cases from Portuguese traditional architecture are studied. The second group of buildings approaches housing from the Portuguese context. The

20th century is the selected historical period.

Once identified the character of the design, it is possible to clarify the architectonic immutable elements and establish the link to new visions of ancient issues. Considering that the development of an architectural design is involved in a nonlinear process, the boundaries of each scheme will be determined by the specificity of context and form.

This process enables to trace the evolution of the design scheme and the final proposal. It is also expected a contribution to the enlargement of the range of level of self-reflective practice.

## **Preambulo**

Este texto é, também ele, um exercício longínquo; foi escrito numa língua que não é a nossa, a língua franca actual, num tempo que hoje quase não parece ter sido nosso, o tempo da pandemia. Talvez por essa razão tenhamos decidido reflectir sobre abrigos. Estávamos fechados ou confinados, como se dizia então e éramos portanto sensíveis ao assunto. Aliás éramos sensíveis a qualquer tipo de essencialidade, questionava-se a nossa relação com o mundo e com o espaço. Vivíamos em núcleo dentro de pequenos núcleos, o individual ou o familiar. A cidade estava deserta e o grupo ligava-se digitalmente. Assim, também, este texto foi escrito a quatro mãos numa dessas muitas ligações via *zoom*. Foi escrito para um congresso longínquo, mas a que não conseguimos ir, ficou a participação digital. Nesses tempos a viagem era uma impossibilidade e o facto de a desejarmos colocava-nos mais longe com uma maior sensação de liberdade. O exercício que segue representa, para além do confronto de metodologias e referências, também uma viagem na tradução. Uma viagem de ida e volta que possibilitou um afastamento entre linguagens e portanto o aporte de outros sentidos que clarificaram o texto e trouxeram novas palavras e significados.

Carlos Lampreia

## 1. Introdução

Abordar o tema da Habitação enquanto abrigo conduz-nos à natureza primária da arquitectura. Para abordar o tema é relevante compreender a natureza da obra arquitectónica, indagar as suas singularidades ou repetições, bem como o papel dos intervenientes e do contexto. Uma casa deve ser considerada como uma entidade autónoma. A arquitectura como outras formas de arte, é caracterizada por uma condição de singularidade. É irrepetível, destaca-se como um fenómeno único. No entanto, noutras circunstâncias, pode ser vista como parte de uma série de objectos repetidos, pertencente a um determinado grupo com atributos comuns [1].

A presente investigação faz parte de um processo. O objectivo geral centra-se na definição de um mapa operativo de novas perspectivas sobre questões antigas. Os conteúdos do mapa centram-se nos novos elementos ou dispositivos arquitectónicos que, comparados no tempo, reflectem questões contemporâneas e novos *modus vivendi*.

Os dois casos apresentados pertencem ao grupo das 'casas enquanto abrigo'. A associação das palavras casa e abrigo pretende enfatizar os componentes habitacionais de protecção e refúgio. O tema coloca o estudo no grau zero das necessidades básicas da habitação. A partir dos arquétipos e modelos da Arquitectura Popular em Portugal [2], pretende-se estabelecer ligações e comparações com casos significativos da produção contemporânea.

O desenvolvimento da investigação assenta na comparação entre estes dois grandes grupos de casos de estudo : casas novas e casas antigas. Procuram-se novas visões e interpretações destas antigas questões. As perspectivas estabelecidas buscam superar as lacunas encontradas na relação entre o universo teórico e a prática construtiva e arquitectónica. O processo permitirá rastrear a evolução dos esquemas de desenho até às propostas actuais, contribuindo para o alargamento da prática auto-reflexiva [3].

O artigo está organizado em duas partes. Em primeiro lugar, exploram-se os antecedentes e a teoria. Em segundo lugar, são analisados os casos de estudo. Para finalizar são apresentados Resultados, Discussão e Conclusões.

## 2. Continuidade/descontinuidade

Considerando a natureza específica da obra de arquitectura, alguns aspectos devem ser tidos em conta. No que diz respeito ao processo criativo, duas definições importam, inconsciente e autoconsciente. [4]

O **processo inconsciente** está subjacente às formas construídas existentes e enraizadas numa dada cultura. O universo formal é caracterizado pela aceitação consensual por todos os agentes envolvidos na construção da forma. Em consequência, a mesma forma é repetida consecutivamente por imitação. As mudanças são introduzidas pontualmente e gradualmente ao longo do tempo. Este processo é definido pelo modo informal de transmissão do conhecimento. A sua implementação é baseada na mímese, processo que garante uma relação de estabilidade entre forma e contexto ancorada na tradição. Elementos imutáveis vão ganhando uma consolidação física.

Em consequência de um processo de grande aceleração de transformações culturais e de industrialização, aliada à impossibilidade de adaptar as transformações na relação forma/contexto de modo a encontrar um equilíbrio estável, introduz-se uma lacuna neste processo inconsciente.

Segundo CA, a consequência desse processo leva ao **processo autoconsciente**. O processo de construção deixa de ser controlado pelo colectivo envolvido na construção. A partir desse momento passa a ser dominado por um autor. Estamos a lidar com a noção de expressão individual da obra através de conceitos claramente definidos. Um novo padrão surge. Deste modo, a possibilidade de sistematizar o conhecimento e “ensinar arquitectura” conduz à formação de academias e destrói definitivamente o antigo processo de construção da forma.[4]

## 3. Objeto Primordial

George Kubler introduz a noção de **Objecto Primordial**[5]. A origem de um objecto primordial pode ser encontrada nas condições existentes num determinado período histórico. Existe uma certa dificuldade na identificação de um objecto ou ideia primordial. Muitas vezes, estamos diante de replicações e mutações que podem ser semelhantes a um

objecto primordial, embora possam ser o resultado de mudanças subtis introduzidas por diferentes estruturas sociais, contextos e materiais. A mutação de um objecto primordial ocorre quando uma replicação do original apresenta diferenças ou melhorias. Uma caverna pode ter sido a forma precedente de uma casa. No entanto, uma casa representa uma melhoria.

Entretanto outras questões relevantes se levantam: a invenção útil e a invenção artística. Estas estão relacionados com a “propagação” e transformação das coisas. A invenção artística está relacionada com ideias ou conceitos. Pode ser colocada no universo da tomada de consciência. Por outro lado, a invenção útil está relacionada com a parte instrumental, o uso material. Em relação ao processo de transformação entre as duas, Kubler reconhece dificuldades para identificar a lógica inerente. A lógica da transformação pode ser encontrada directamente quer nas mudanças nos objectos, quer nas ideias. Pequenos passos de refinamento em direcção a sistemas mais elaborados regem as invenções úteis e as mudanças nos objectos. No entanto as invenções artísticas e seus objectos tendem a durar mais do que as úteis. As razões podem ser encontradas nas suas características. Os objectos úteis são limitados ao seu uso/função, enquanto os objectos artísticos são imateriais e metafísicos[5]

#### 4. Casa enquanto abrigo

O fascínio pela cabana primordial [6] tem sido utilizado e explorado ao longo do tempo pela teoria e prática arquitectónica. A abordagem centrada na ideia de **abrigo primordial**, argumenta que a partir do momento em que o homem descobre o fogo começa a socializar em torno dele, e começa a construir o seu habitat. O abrigo surge das necessidades de protecção e de acomodação do convívio humano. Trata-se da relação entre o homem e a natureza. Fixar as construções no universo natural é o primeiro passo para o estabelecimento de assentamentos de longo prazo.

A ideia da primeira casa [7] tem sido um tema recorrente na crítica e na prática dos arquitectos. Entre outros, Violet-le-Duc, Frank Loyd Wright, Le Corbusier, etc. incorporaram o tema nas suas reflexões sobre



arquitectura. Apesar dos arquitectos-autores trabalharem recorrentemente esse tema, estamos diante de uma conquista comum. Trata-se de uma arquitectura anónima, envolvida num processo Inconsciente (2.1 – Continuidade/descontinuidade).

Perspectivas alargadas sobre este tema podem ser encontradas na “pequena cabana rústica” de Laugier [6]. Seguindo a descrição de Vitruvio, Laugier concebe a sua cabana primitiva, sublinhando a sua ordem clássica de três elementos (coluna, entablamento e frontão). De certo modo, representa um artifício no suporte para a suposta naturalidade da arquitectura clássica.

Numa relação mais estreita com a nossa investigação, será interessante observar a perspectiva de Rudofsky [8]. No âmbito de uma “arquitectura sem pedigree” engloba uma abordagem rigorosa e científica da antropologia do habitar. Esta remete para a génese do habitat humano. A “arquitectura sem arquitectos” surge no século XX em conjunto com o revisionismo do movimento moderno. Esta atitude cosmopolita prevê um olhar para a história da arquitectura num sentido mais alargado, usando exemplos da “arquitectura popular”[9], olha para além das casas dos privilegiados projectadas por arquitectos.

## 5. Regionalismo crítico

Em Portugal, Távora[10] propõe o caminho da modernização, com base nos valores culturais dos lugares e na vivência quotidiana dos habitantes locais. Para registar toda esta investigação é posto em funcionamento um “inquérito à arquitectura popular portuguesa”. Vários arquitectos envolvem-se na procura dos modos de viver ancestrais que ainda estavam bem preservados. Esta publicação estabelecerá a ligação entre os arquitectos portugueses e a arquitectura popular que sobreviveu ao tímido período da industrialização. Deste modo materializou-se um revisionismo precoce da cartilha modernista, que virá a gerar a chamada ‘escola do Porto’. Távora era o director da escola e o seu discípulo Álvaro Siza virá a emergir como uma figura nacional do que Frampton[11] chamou de **regionalismo crítico**, baseado nas ideias de Tzonis e Lefebvre[12].

Este tipo de abordagem revela uma posição crítica face ao modernismo canónico, que se materializa numa atenção não só à história de cada lugar mas também numa ancoragem física às marcas e sinais nele pré-existentes. Está implícito um desejo de estabelecer novas conexões abandonando o ideário modernista de ruptura.

## 6. Permanência

Com a aproximação à questão da permanência surgem alguns aspectos relevantes. Do ponto de vista da natureza da obra arquitectónica, o foco reside nela própria e no seu carácter. A partir daqui, podem-se colocar dois raciocínios principais: a condição de **unicidade** e a questão dos objectos de **repetição**. O primeiro é caracterizado pelas circunstâncias específicas do contexto. Pertence ao universo das particularidades individuais. Cada caso tem um valor intrínseco, que se justifica por si só. A classificação serial e a repetição estão fora deste âmbito. Este segundo tipo pertence ao campo da classificação. A obra de arquitectura pode ser classificada de acordo com as características e procedimentos formais. A classificação tem a ver com os recursos elementares de produção, uso e características formais. Condições semelhante de contexto [4] – sociedade, uso, técnicas e referências arquitectónicas – podem levar a respostas formais semelhantes. A estabilidade das respostas podem produzir permanências formais. Assim formas idênticas são usadas e repetidas em diferentes situações. Constatam-se uma relação estável entre contexto e forma. Para as mesmas questões, são identificadas respostas semelhantes [1].

Ao longo da história, novas condições de contexto conduziram a novas perspectivas. Estas surgiram a partir de novos conjuntos de técnicas, referências arquitectónicas, estruturas de sociedade e modos de viver. Somos assim confrontados com o que chamamos de novas perspectivas sobre questões antigas. O conceito de permanência pode ser identificado de acordo com a noção de “tipo”. Esta noção é relacionado com a forma platónica e arquetípica ou seja uma forma elementar [13]. Através desta perspectiva abstracta é possível ordenar e relacionar a realidade empírica e procurar ilustrar certos elementos significantes [14].

Num sentido mais amplo, Aldo Rossi apresenta a história da arquitectura como objecto de arquitectura. A arquitectura é um grande

projecto unitário inserido no tempo. As mudanças surgem de modo lento e gradual. A arquitectura está intimamente ligada ao desenvolvimento da civilização: é um facto inegável, permanente e universal. No âmago da arquitectura nada vem do nada, todas as criações derivam das condições anteriores. A forma predomina mas as funções e os usos são temporários. Para actuar no campo da arquitectura, é necessário encontrar as regras que possam transmitir os princípios da arquitectura, os seus valores imutáveis. As regras arquitectónicas são condensadas e comunicadas através das formas tipológicas. Por outro lado, estas formas estão intimamente ligadas ao carácter sintético de diferentes períodos da história. Deste ponto de vista, a inovação arquitectónica resulta do ênfase em certos aspectos; não há invenção de tipologias. Ao contrário de Moneo, Rossi defende este ponto de vista. As tipologias incorporam um processo de transformação de longo prazo, profundamente ligado à cidade e à sociedade [15].

## **7. Casos de estudo**

Os casos de estudo estão organizados em dois grupos principais. Por um lado, temos as antigas questões, por outro, as novas perspectivas.

Quanto ao primeiro, existe uma forte ligação aos fundamentos do tema de investigação. Referimo-nos às referências aos arquétipos (2.4 - Regionalismo crítico), próximos do universo das primeiras casas (2.3 Casa como abrigo). Na nomenclatura portuguesa, a palavra fogo também é utilizada para designar uma casa. Desde as suas origens, uma casa tem a sua génese no encontro ancestral em torno do fogo, este é um princípio primário e fundamental. Este aspecto, juntamente com as condições técnicas e materiais, assumiu uma relevância central na organização dos primeiros abrigos e das primeiras casas.

Com as mudanças de contexto - novos sistemas produtivos, diferentes necessidades e aspirações humanas - surgem novas perspectivas. A busca pela renovação e transformação é um processo contínuo. Este processo abrange factores tecnológicos e de optimização económica de materiais e sistemas.

Da mesma forma, é possível encontrar propostas tipológicas expressas em unidades de área mínima com o mínimo de proliferação de espaços. Novas visões habitacionais configuram novas formas de viver, novos factores culturais e novas relações entre elementos naturais e conjuntos construídos.

## 8. Casa no Gerês

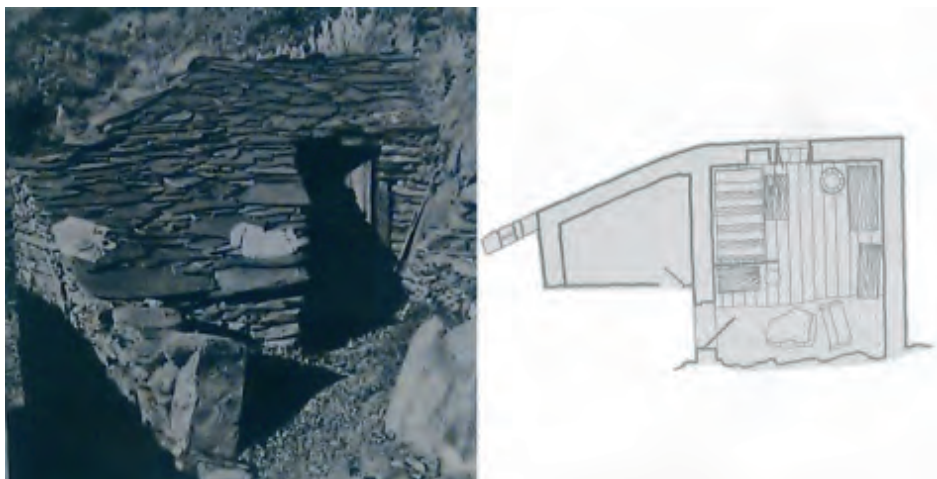


Figure1 - Ancient house in Monte [16]

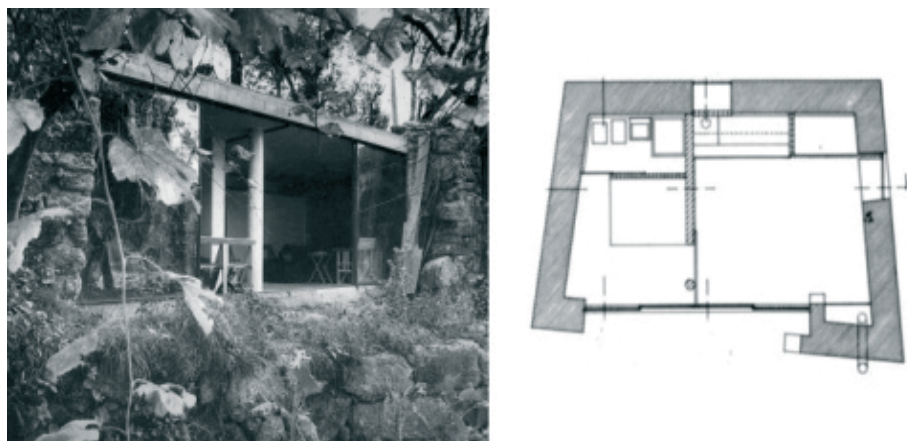


Figure2 - Gerês House [17]

A casa do Gerês (Vieira do Minho 1980-1982) é uma das primeiras obras de Souto de Moura. A casa situa-se no norte de Portugal. No meio

de uma floresta, perto de um rio, o pequeno abrigo desenvolve-se em aproximadamente 30 m<sup>2</sup>. Pela clareza e simplicidade da intervenção, este caso representa uma pedra fundamental para esta investigação. A reconversão de uma construção em ruínas num abrigo de fim de semana representa uma excelente oportunidade para reescrever uma nova visão sobre o habitar.

A casa de pedra existente (figura 1) tem a organização elementar de um compartimento. Com uma planta rectangular, telhado de duas águas e estreitas aberturas, ergue-se como pequeno apoio rural. A simplicidade formal repete as construções do seu tempo. Outros casos da arquitectura popular semelhantes podem ser encontrados na região (2.2 objectos primários).

A possibilidade de habitar o pequeno volume é restaurada aproveitando três das paredes de pedra da ruína quadrangular (figura 2). Uma moldura de vidro transparente define a quarta parede. Uma laje plana de betão marca a linha horizontal da cobertura sob o limite superior da ruína. No interior dois planos de parede dividem o espaço, introduzindo a nova função da casa de banho. Assim, a separação entre o espaço de dormir, o espaço de estar e a área para cozinhar é estabelecida.

Nas mudanças implementadas, um elemento dominante deve ser referido: a demolição de uma das paredes. Esta opção permite abrir a casa à paisagem de forma cinematográfica, transformando o carácter do abrigo rural num dispositivo de memória para as gentes urbanas. De certo modo, representa-se um desejo romântico de recuperação de uma relação perdida com a natureza. Outro factor que reforça essa noção é configurado pela valorização simbólica da ruína. Esta pré-existência revela os antigos modos de habitar, quer pela presença das três paredes de granito, quer pela tensão introduzida pela laje e coluna de apoio da nova cobertura. Em conjunto com a introdução da casa de banho, outros quatro elementos desenham as novas perspectivas sobre questões antigas: a grande janela de vidro, uma cobertura plana e a presença da ruína de pedra. Apesar do contraste, casa e paisagem tornam-se uma entidade única e específica com um forte carácter poético.

## 9. Casas na Comporta (Casas na areia)



Figure 3 - Ancient house in Setil [18]

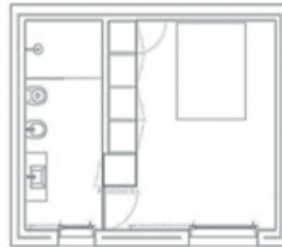


Figure 4 - Comporta house 1[19]



Figure 5 - Ancient house in Casa Branca [20]



Figure 6 - Comporta house 2 [21]

O Sul de Portugal é diferente. Mais perto do Mediterrâneo e do norte da África, a paisagem e a arquitectura podem ser definidas por conjuntos de volumes brancos sobre as serras e planícies. Entre a costa atlântica e o estuário do rio Sado, a Comporta situa-se numa zona muito sensível de paisagem protegida. Nesta zona as casas e abrigos da arquitectura popular utilizavam espécies vegetais, madeira e colmo como materiais de construção. Pontuando a paisagem podemos ainda encontrar inúmeros abrigos que sustentam o quotidiano de pescadores e agricultores. Alguns constroem com paredes e telhados de colmo [figura5], outros com paredes rebocadas [figura3]. Estas pequenas casas eram compostas por dois espaços, um onde dormia a família e outro onde se vivia e cozinhava.

Partindo destes sistemas tectónicos ancestrais, Aires Mateus recuperaram um conjunto destas casas. Chamaram-lhes casas na areia (2010), onde um novo programa de habitação de fim de semana utiliza várias unidades para receber as diferentes funções. Cada casa recebe um ou dois espaços de dormir com casa de banho integrada, sendo que as funções de estar e comer acontecem numa outra unidade.[figura 4]

O que importa sublinhar nesta intervenção, começa também por se prender com a dimensão das aberturas, que deixam de ter uma mera função de dispositivo de protecção. Tornam-se elementos que revelam tanto a paisagem quanto a articulação funcional entre os volumes.

Ampliando-se as suas dimensões enfatiza-se a fluidez dos espaços e o alcance das vistas. A ideia de abrigos torna-se uma experiência inovadora para os utilizadores que usufruem de uma construção de baixa densidade que remete para a ideia da cabana primordial.

Este carácter de “excentricidade” entre volumes é sublinhado pelo facto de que o piso de areia do abrigo habitacional colectivo estabelece uma continuidade absoluta com o piso de areia exterior [figura 6]. Um forte desejo de continuidade com a paisagem natural é reforçado pela presença de uma longa e estreita piscina que revela simbolicamente a presença do mar, não muito longe. Trata-se, portanto, de uma sequência de abstracções e manipulação de materiais de forma a enfatizar o contacto com os elementos naturais na sua configuração mais básica. A função original ligada à agricultura e à pesca é substituída pela de contemplação e lazer.

Em comparação com as casas arcaicas da arquitectura popular, os principais elementos que são introduzidos nestas casas podem ser resumidos como: as novas área de casa de banho, o alargamento das janelas e um plano de água na relação com o estuário natural. Os elementos inovadores mais significativos referem-se ao *continuum* de areia estabelecido que reutiliza o chão da cabana comum.

## 10. Discussão e Resultados

A investigação centrou-se portanto em novas perspectivas sobre questões antigas # a casa como abrigo. Para atingir esse objectivo, o artigo foi organizado em dois grandes grupos. O primeiro (2.1 - 2.5) apresenta os fundamentos teóricos. O segundo (3.0 - 3.2) explora dois casos de estudo do contexto português. A abordagem é baseada em dois grupos de construções. De um lado temos as questões antigas, de outro as novas perspectivas. No primeiro analisam-se casas da Arquitectura Popular. Estes casos fazem parte de uma arquitectura anónima (2.3 e 2.4) bem como de um processo inconsciente (2.1). Resultam também de um processo de transformação lento, passo a passo. A repetição e as melhorias graduais demoram (2.5). Quanto às novas visões, os casos de estudo são projectados por arquitectos reconhecidos internacionalmente. São autores directamente relacionados com o processo auto-



consciente (2.1). As características únicas das suas abordagens (2.5) são fortemente relacionados com a época em que foram concebidas.

A partir do cruzamento das duas partes em que se divide o texto é possível esclarecer alguns dos elementos de um mapa operativo. No que diz respeito ao campo teórico a investigação permitiu circunscrever a natureza e especificidades das intervenções antigas e das novas (2.1 - 2.3, 2.5). Questões relacionadas com o processo e a permanência foram abordadas. Foi também definido o intervalo de tempo e o contexto histórico dos casos de estudo.

Foram assim identificados os principais elementos arquitectónicos que caracterizam as obras e as novas perspectivas sobre questões antigas. Também foi possível referir os elementos que regem as transformações dentro dos temas (5.0).

A abordagem aos dois casos de estudo limita-se às suas circunstâncias específicas. Os avanços da investigação permitirão aprofundar conceitos e casos. Esperamos aí reavaliar a investigação e o alargamento do seu alcance.

## 11. Conclusões

As conclusões do artigo encontram-se no cruzamento entre o referencial teórico e os casos de estudo. Através do desenvolvimento da investigação foram identificados quatro temas principais: Memória, Sítio/Paisagem, Natural/Artificial e Antigas questões/Novas perspectivas. A sua utilização como chave de interpretação, permite uma contribuição para o alargamento do espectro dos diferentes níveis da prática autorreflexiva.

No primeiro tema (**Memória**) a casa no Gerês (3.1) incorpora os elementos pré-existentes da ruína através de uma relação de **contraste**. Os novos elementos da casa – novo caixilho, laje e coluna de betão, distinguem-se da ruína existente. A ruína é incorporada no projecto como vestígio de outro tempo e uso. Com um posicionamentos diferente, as casas da Comporta (3.2) utilizam a memória numa perspectiva mimética. O projecto reutiliza a forma original e os materiais através de uma nova visão. A memória das casas é incorporada no novo desenho e or-

ganização. Em comum, ambos os casos apresentam uma mudança no uso original. Elas substituem a vocação de habitação de apoio à agricultura e pesca pela de lazer e contemplação.

O segundo tema está relacionado com as relações entre **Sítio e Paisagem**. A casa no Gerês aceita e preserva as características do lugar. A casa encaixa no local. Através de grandes caixilhos de vidro, interior e exterior estabelecem uma relação de continuidade. Nas casas da Comporta é possível identificar uma atitude de imposição. O conjunto de casas conquista e constrói um novo sítio.

Em continuidade com o tema anterior, podem ser identificadas relações entre **natural/artificial**. A casa do Gerês integra a natureza. A casa busca relações intensas com os elementos naturais existentes. As ruínas, as árvores e o lago são elementos naturais a integrar. O gesto artificial do projeto e os elementos da natureza tornam-se uma entidade. É possível identificar o artificial e o natural, mas em conjunto cria-se uma entidade inseparável. Nas casas da Comporta a atitude artificial apropria-se e domestica a natureza.

**Antigas questões/Novas perspectivas** estão implícitas nos temas anteriores. Na casa do Gerês a questão da ruína pré-existente é reaproveitada através de uma nova perspectiva. A ruína passa a fazer parte da nova casa, por um processo de osmose. As casas da Comporta reinterpretam questões antigas e utilizam alguns dos seus atributos. Identifica-se uma atitude de mimetismo.

As limitações da investigação podem ser definidas pelo universo dos casos de estudo. Alargar o número e o tipo de exemplos estudados permitirá desenhar um mapa operativo maior e mais sistemático. Este estudo está relacionado com as noções de permanência e de impermanência. A evolução a partir da perspectiva das atitudes e dos elementos arquitectónicos permite identificar a evolução da arquitectura e do significado da habitação enquanto abrigo.

## Agradecimentos

Agradecemos o apoio do DINÂMIA'CET e do CITAD. Este trabalho é financiado por fundos públicos pela FCT –Fundação para a Ciência e Tecnologia através do Projecto UID/AUR/04026/2013

## Referencias

- [1] R. Moneo, - On typology. *Oppositions*. New York. issn 0094-5676. n.º 13 (Summer 1978). pp. 23-45. 1978.
- [2] F.Távora, K.Amaral, et.al; H.Roseta - *Arquitectura popular em Portugal*. Lisboa: Ordem dos Arquitectos, 2004
- [3] D. A.Schon- *The reflexive practitioner. How professionals think in practice*. USA, Basic books.,1984.
- [4] C. Alexander,- *Notes on the synthesis of form*. Cambridge; Massachusetts; and London, England: Harvard University Press, 1964.
- [5] G.Kubler, – *The shape of time. Remarks on the history of things*. New Haven and London, Yale University Press, 1962.
- [6] M-A. Laugier, -*Essay on Architecture*, London: Gray's Inn., 1755
- [7] J. Rykwert, -*On Adam's House in Paradise: The Idea of the Primitive Hut in Architectural History*, New York, MOMA, 1972
- [8] B.Rudowsky, - *Architecture without architects: a short introduction to non-pedigreed architecture*. Albuquerque, 8th ed. (1987 [1964]) University of New Mexico. 1964.
- [9] A.Rapoport., -*House form and culture*, Englewood Cliffs, N.J., Prentice Hall, 1969
- [10] F.Távora, -*O problema da casa portuguesa*, Cadernos de Arquitectura, Lisboa, 1947
- [11] K. Frampton, -*Towards a Critical Regionalism: Six points for an architecture of resistance*, in *Anti-Aesthetic. Essays on Postmodern Culture*.,Seattle: Bay Press, 1983
- [12] A.Tzonis,L. Lefaivre, - 'Narcisisme et humanisme dans l'architecture contemporaine', *Carré bleu*, nº4 1980, pp 1-15
- [13] Q.De Quincy, *Dictionnaire historique d'architecture*. Tome 1, 2 Paris, Hachette Livre-BNF 2018 [1832]
- [14] M.Weber, Max. - *Metodologia das Ciências Sociais*. Parte 1 e 2. São Paulo: Ed Cortez, 1993

- [15] A.Rossi, *La Arquitectura de la ciudad*. 9.ed 1995, Barcelona: GG. gustavo gili.1971
- [16] F.Távora, K.Amaral, et.al; H.Roseta - *Arquitectura popular em Portugal*. Lisboa: Ordem dos Arquitectos, 2004 p.126
- [17] X.Guell, et al., *Souto de Moura*, Barcelona, GG, 1990. p16
- [18] F.Távora, K.Amaral, et.al; H.Roseta - *Arquitectura popular em Portugal*. Lisboa: Ordem dos Arquitectos, 2004 p.404
- [19] ARCHDAILY, casa na areia, [Image on internet]. 2011 [updated 2011 Mar 17; cited 2020 Mar 27]. Available from: <https://www.archdaily.com/119742/casa-na-areia-aires-mateus>
- [20] F.Távora, K.Amaral, et.al; H.Roseta - *Arquitectura popular em Portugal*. Lisboa: Ordem dos Arquitectos, 2004 p.660
- [21] ARCHDAILY, casa na areia, [Image on internet]. 2011 [updated 2011 Mar 17; cited 2020 Mar 27]. Available from: <https://www.archdaily.com/119742/casa-na-areia-aires-mateus>